

1

Um dos ainda numerosos "mistérios" em relação ao ser humano diz respeito ao fato de que todos os indivíduos da espécie — salvo por algum problema muito grave — aprendem a falar com uma rapidez espantosa, se considerarmos a complexidade do objeto aprendido, uma língua. Poder-se-ia objetar que alguns aprendem porque falam de forma simplificada, ou porque sua língua é um tanto primitiva etc. Já vimos que afirmações como essa refletem apenas preconceitos, desconhecimento da verdadeira natureza das línguas, que são muito complexas, mesmo no caso daquelas que pensamos que são simples e mesmo no caso dos dialetos que pensamos que são os mais simples das línguas que acreditamos serem as mais simples.

2

O que é ainda mais espantoso é que todos aprendem com velocidade espantosa um objeto complexo, e sem ser ensinados. De fato, os pais, ou adultos em geral, não ensinam as línguas às crianças. Não, pelo menos, se entendermos por ensino aquele conjunto de atividades que se dão, tipicamente, numa escola. Alguns, um pouco mais maldosos — mas talvez não muito distantes da verdade — talvez venham a pensar que as crianças do mundo todo, de todas as épocas, aprendem suas línguas exatamente porque não são ensinadas — exatamente porque pais não agem com elas como se houvesse necessariamente fases, métodos, exercícios...

3

Pode ser que esta opinião não esteja muito longe da verdade. Disse acima que a questão da aquisição da linguagem é um tanto misteriosa. De fato, ninguém sabe muito bem o que se passa na mente humana, ou, mesmo, o que há nela eventualmente de inato, de herança biológica. O fato observável é que todos falam, e muito, e bem, a partir dos três anos de idade. E, por mais que seja efetiva e constante a presença dos adultos junto às crianças, por mais que haja entre eles atividades linguísticas, não há nada que se assemelhe a um ensino formal de uma disciplina, e, muito menos, algo que se assemelhe a. exercícios.

4

Isso não significa que se aprenda facilmente. Na verdade, o trabalho dos adultos e das crianças é contínuo e, às vezes, difícil. Principalmente, é constante. Ou, mais fundamental ainda — é uma atividade significativa. Esta parece ser a questão principal e crucial. Qualquer que seja a teoria que adotemos sobre o que seja uma criança — já falamos disso mais acima —, isto é, quer sejamos inatistas, interacionistas ou comportamentalistas, com todas as variações que esses rótulos permitem, de qualquer forma temos que reconhecer que os adultos não propõem exercícios de linguagem às crianças na vida cotidiana. Deixados de lado detalhes (às vezes certamente importantes), o que podemos observar é que ocorre um uso efetivo da linguagem, um uso sempre contextualizado, uma tentativa forte de dar sentido ao que o outro diz etc. E, certamente, nenhum de nós faria, nem conhece quem faça, coisas como as seguintes: propor a uma criança de dois anos (ou menos) que faça tarefas como completar, procurar palavras de um certo tipo num texto, construir uma frase com palavras dispersas, separar sílabas, fazer frases interrogativas, afirmativas, negativas, dar diminutivos, aumentativos, dizer alguma coisa vinte ou cem vezes, copiar, repetir, decorar conjugações verbais etc. Tudo isso são exemplos de exercícios. Tudo isso se faz nas escolas, em maior ou

menor quantidade. Nada disso se faz na vida real, porque nada disso ajuda ninguém a aprender uma língua. Em resumo, poderíamos enunciar uma espécie de lei, que seria: não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas. Observemos como esta afirmação fica quase óbvia se pensarmos em como uma criança aprende a falar com os adultos com quem convive e com seus colegas de brinquedo e de interação em geral. O domínio de uma língua, repito, é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas. A escola poderia aprender muito com os procedimentos "pedagógicos" de mães, babás e mesmo de crianças. O fato de que as crianças não façam exercícios, não repitam formas fora de um contexto significativo não significa que não sejam expostas suficientemente às línguas. É que pode não parecer, mas falamos tanto e as regras são relativamente tão poucas que acabamos por aprender. Por isso, crianças com alguns anos de idade utilizam o tempo todo formas que sequer imaginamos, mas que vemos claramente que conhecem, se examinássemos sua fala com cuidado. Perguntam, afirmam, exclamam, negam, produzem períodos complexos e consideram significativamente o contexto sempre que lhes parecer relevante ou tiverem oportunidade. Como aprenderam? Ouvindo, dizendo e sendo corrigidas quando utilizam formas que os adultos não aceitam. Sendo corrigidas: isto é importante. No processo de aquisição fora da escola existe correção. Mas não existe reprovação, humilhação, castigo, exercícios de fixação e de recuperação etc.

5

O modo de conseguir na escola a eficácia obtida nas casas e nas ruas é "imitar" da forma mais próxima possível as atividades linguísticas da vida. Na vida, na rua, nas casas, o que se faz é falar e ouvir. Na escola, as práticas mais relevantes serão, portanto, escrever e ler. Claro que se falará às pampas na escola, e, portanto, se ouvirá, na mesma proporção (um pouco menos, um pouco mais...). Mas, dado o projeto da escola, ter e escrever são as atividades importantes. Como aprendemos a falar? Falando e ouvindo. Como aprenderemos a escrever? Escrevendo e lendo, e sendo corrigidos, e reescrevendo, e tendo nossos textos lidos e comentados muitas vezes, com uma frequência semelhante à frequência da fala e das correções da fala. É claro que o aprendizado não será muito eficiente se tais atividades forem apenas excepcionais. Mas, se forem constantes, com as cabeças que temos — seja lá o que for que tenhamos dentro delas ou associado ao que temos dentro delas — certamente seremos leitores e "escrevinhadores" sem traumas e mesmo com prazer, em pouco tempo. Só não conseguiremos se nos atralhamos, se nos entupirmos de exercícios sem sentido.

6

Falar é um trabalho (certamente menos cansativo que outros). Ler e escrever são trabalhos. A escola é um lugar de trabalho. Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem. Mas, não são exercícios. Se não passarem de exercícios eventuais, apenas para avaliação, certamente sua contribuição para o domínio da escrita será praticamente nula. Para se ter uma ideia do que significaria escrever como trabalho, ou significativamente, ou como se escreve de fato "na vida", basta que verifiquemos como escrevem os que escrevem: escritores, jornalistas. Eles não fazem redações. Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, leem arquivos, leem outros livros. Só depois escrevem, e leem e releem e depois reescrevem, e mostram para colegas ou chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo. A escola pode muito bem agir dessa forma... desde que não pense só em listas de conteúdos e em